

O rock e o metal a serviço de Deus: o “lugar” e os territórios do movimento *underground* cristão brasileiro¹

Diogo da Silva Cardoso²

Resumo

O presente artigo pretende dar um panorama geral da manifestação estético-religiosa, no Brasil, de grupos jovens cristãos conhecidos como cristãos *undergrounds*. Devido à escassa literatura socioantropológica sobre o tema, faremos um diagnóstico preliminar, traçando as trajetórias, estratégias e conflitos diretamente vinculados à dinâmica dessa rede religiosa no campo religioso cristão. Partindo da diferenciação entre cristãos *undergrounds* e evangélicos, podemos chegar mais perto de uma análise fidedigna do movimento. Sua manifestação está inscrita no âmbito da mudança cultural (pós) moderna, que a todo instante nos interroga sobre as nossas convicções (religiosas, políticas, identitárias) e define novos parâmetros de ação individual e coletiva à luz dos valores seculares e hedonistas. A juventude cristã aqui analisada está nas “bordas” de um processo que não se restringe à dimensão “pura” do fato religioso, aglutinando questões de ordem social, geracional e política.

Introdução

Este artigo, que jaz numa pesquisa mais ampla³, versa sobre uma série de grupos juvenis insurgentes no campo religioso cristão, compondo um movimento religioso-cultural que traz as marcas da contracultura jovem do século XX. A cena composta por eles é conhecida como “*underground* cristão”, apesar de outros cognomes dados pelo senso comum (roqueiros de Cristo, punks de Cristo, tribalistas cristãos, geração emergente etc.).

Pulverizadas no espaço urbano das grandes cidades, as culturas juvenis têm muito que nos dizer com respeito às estratégias de apropriação e ressignificação de áreas diferenciadas da cidade. Os grupos juvenis, ou tribos urbanas (se utilizarmos como um termo “nativo”), traçam rotas, percorrem circuitos (formais, familiares, de lazer e entretenimento) e perseguem objetivos que certamente não podem ser analisados à luz dos modelos estáticos e estruturalistas ora vigentes na academia.

O marxismo, o (pós) estruturalismo, a fenomenologia, a hermenêutica, entre outras correntes, podem dar a sua contribuição teórica para os estudos da juventude urbano-contemporânea, mas ainda assim, não podemos esquecer da fugacidade, da fluidez, das tentativas de afirmação identitária e cultural e das práticas urbanas inerentes a esses grupos/segmentos.

Somente uma “cartografia” dos sentidos e usos atribuídos à cidade pelas culturas juvenis poderá balizar futuros estudos em Geografia Cultural.

Nesse jogo de escalas, instituições, agentes e processos, a sociedade urbana é um fenômeno que nos permite analisar a articulação entre escalas geográficas (local, intra-inter-regional, nacional, global) não mais na razão puramente cartesiana, lógico-empirista, mas a partir da consideração de outras variáveis como fontes estruturantes da dinâmica socioespacial como os meios de comunicação, as redes sociais e empresariais, os novos padrões de consumo, habitar e viver cidade, além é claro, das modalidades de apropriação do espaço criadas nesse jogo complexo entre a ordem local e a ordem global (SANTOS, 1996, p. 272).

* Mestrando em Geografia pela UERJ. E-mail: diogo_georeg@yahoo.com.br.

¹ Trabalho originalmente apresentado no IV Simpósio Internacional sobre Juventude Brasileira, 16 a 18 de junho de 2010, na PUC-MG, com o título “O rock e o metal a serviço de Deus: o lugar do movimento *underground* cristão no campo religioso cristão”.

³ Pesquisa desenvolvida no Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UERJ, sob orientação da Prof.Dr. Zeny Rosendahl.

O lugar emerge, então, como um dado fundamental no estabelecimento das relações sociais contemporâneas, sejam aquelas fundadas na “razão técnica e operacional” (Ibid.), baseada no valor mercantil global, ou nas relações construídas, basicamente, sob os parâmetros de copresença, afetividade, cooperação, solidariedade etc., inerentes à escala do cotidiano.

Sobre isso, Carlos argumenta:

O lugar permite pensar a articulação do local com o espaço urbano que se manifesta como horizonte. [...] o lugar guarda em si e não fora dele o seu significado e as dimensões do movimento da vida, possível de ser apreendido pela memória, através dos sentidos e do corpo. O lugar se produz na articulação contraditória entre o mundial que se anuncia e a especificidade histórica do particular. Deste modo o *lugar* se apresentaria como *ponto de articulação* entre a mundialidade em constituição e o local enquanto especificidade concreta, enquanto momento. (CARLOS, 2007, p. 14, grifos do autor).

Seguindo o raciocínio, Carlos mostra como os lugares na metrópole “[...] se revela(m) enquanto modo de vida, de construção de uma cultura, hábitos, valores, produzindo um espaço, aquele da sociedade urbana, na qual a metrópole atual é a forma mais acabada. (CARLOS, Op. Cit.).

Em suma, a cidade e o mundo abrem um leque de possibilidades cuja efetivação depende das propriedades oferecidas pelos lugares. O lugar é o espaço por excelência da territorialização da política (e do político) ⁴. Como aponta Sack (1993, p. 326), o espaço e o lugar têm poder, e ele se pergunta sobre o porquê de um lugar ou área ser o que é e porque as coisas são como são, isto é, estão dispostas ali e não acolá. Para a pesquisa, trago à análise outro conceito-chave da Geografia: o *território*. Assim como o conceito de cultura, o território é um termo polissêmico, que gera dificuldades de delimitação da sua escala da atuação, dadas as possibilidades infundáveis de trabalhá-lo desde as escalas micro (territórios de gangues, prostitutas, jovens, grupos reivindicatórios) até os grandes blocos econômicos mundiais e regiões de instabilidade política como o Oriente Médio e a África central, por exemplo.

Trabalhar com o território é enfatizar as relações de poder (conflitivas e simbólicas) travadas entre a sociedade e o espaço. Trata-se de um campo de forças, um *constructo* social onde há o exercício de poder através do complexo de processos de *des-re*-territorialização (HAESBAERT, 2006).

Considerando a territorialidade como uma *estratégia espacial* que constrói/afeta/influencia/controla um ou vários territórios (SACK apud HAESBAERT, 2006), ela é o recurso *estratégico* através do qual os grupos e os indivíduos, dentro do cenário geográfico em que se encontram, constituem-se, distinguem-se e legitimam-se frente à exterioridade (RAFFESTIN apud HAESBAERT, 1997). Em outras palavras, produz a diferença em relação ao Outro.

As teias de significados (GEERTZ, 1989) estão presentes na conformação dos territórios, do contrário, o território é encarado apenas sob uma ótica funcionalista, quase que instintiva. Sua construção é feita a partir do sistema de ideias, crenças e práticas sociais, num processo de apropriação/dominação em que o poder é o vetor crucial.

Dentro de todo esse escopo teórico, fazemos agora a pergunta: como inserir o movimento religioso *underground* cristão numa perspectiva geográfica?

Notas básicas sobre a territorialidade do *underground* cristão

Primeiramente, devemos entender que este movimento está incluído no rol dos *novos movimentos religiosos*.

A gênese do *underground cristão* é constatada a partir de uma série de igrejas alternativas que surgiram nos anos 1980 no mundo inteiro. Essas comunidades religiosas foram influenciadas por movimentos

⁴ Faço aqui uma breve distinção entre os termos “política” e “político”: enquanto o primeiro assinala as instituições, normas, regras, referenciais imagético-discursivos e todos os demais procedimentos que concedem *ordem* a uma sociedade de qualquer tipo, o segundo evidencia as contradições inerentes às relações humanas.

cristãos norte-americanos como o *Jesus Movement* (Movimento de Jesus), Jesus Music (Música de Jesus) e por modelos anti-institucionais de Igreja como o da Capela do Calvário (*Calvary Chapel*), do pastor Chuck Smith e da *Sanctuary Church*, do pastor cabeludo Bob Beeman.

A Capela do Calvário – uma das primeiras a abrir suas portas para os *hippies* e outros grupos juvenis evangelizados pelo *Jesus Movement* – fora uma das primeiras igrejas que, dentro das condições de contrarresposta da época, lutou veementemente contra o tradicionalismo e dogmatismo puritanos das Igrejas tradicionais, com o fito de se aproximar dos jovens contraculturais, permitindo que a Igreja, que tinha somente vinte e cinco membros em sua primeira reunião em 1965, ultrapassasse a marca dos dez mil membros na década de 1970⁵.

Chuck Smith, apostando na mudança de estilo das reuniões para se ajustar à nova “demanda”, utilizou-se dos seguintes meios:

- Ele passou a pregar sermões expositivos;
- Mudou os hinos antigos por canções com melodias contemporâneas; e
- Começou a receber as pessoas do modo como elas estavam, sem pré-requisitos para salvação.⁶

E a efervescência política, cultural e religiosa não ficou parada no Movimento de Jesus. Com a consolidação do rock na cultura popular massiva e na indústria fonográfica e do entretenimento, diversos subgêneros do rock foram se constituindo, seja para repelir a cooptação do *rock'n roll* pelo “Sistema”, como para manifestar as novas tendências musicais, tecnológicas, instrumentais e os estilos de vida que continuavam a germinar nas grandes cidades.

O punk, o heavy metal e seus congêneres (*thrash, death, grind, gótico, dark*), foram também apropriados pela comunidade cristã, variando de país para país conforme o contexto de formação das tribos e da difusão de inovações.

Na década de 1980 nos EUA, o pastor Bob Beeman, com seu estilo de vida homônimo, fundou o *Sanctuary Church*, considerado a primeira igreja voltada para o público *heavy metal*. Esta influenciou a criação de tantas outras igrejas pelo mundo afora com a mesma visão, estilo de vida e gosto musical. Em relação ao movimento *underground* cristão no Brasil, na literatura socioantropológica, apenas Costa (2004a, 2004b) e Jungblut (2007) atreveram-se a falar do fenômeno. É preciso fazer uma separação conceitual entre os cristãos *undergrounds* e os evangélicos.

Sob a designação “*underground* evangélico” estão todas as pessoas, bandas e ministérios pertencentes ao campo religioso evangélico e neopentecostal. São comunidades e eventos subjugados à hierarquia das instituições legais e às decisões dos agentes especializados do sagrado. Não existe autonomia material, financeira ou espiritual no *underground* evangélico, seus pensamentos, decisões e ações precisam sempre do aceite do corpo da Igreja e, sobretudo, da liderança maior.

O *underground* cristão segue uma rota diferente, tentando, ao máximo, estar desvinculado das instituições tradicionais, não se subordinando à liderança de pastores e missionários evangélicos. Criando seus próprios espaços, referenciais identitários e maneiras de exercer a vontade do Pai, os *undergrounds* conseguem ter uma posição militante em relação ao materialismo e superficialismo dos evangélicos.

O ajuntamento de cristãos *undergrounds* com outros ministérios vinculados à ordem religiosa ocorre “apenas nos momentos de evangelismo, palestras sobre tribos urbanas e *undergrounds* seculares e encontros que intentam reafirmar a Unidade em Cristo”⁷.

Em geral, cada grupo tem seu “espaço próprio”. Cultos/reuniões/encontros/shows são os eixos que fazem esses lugares se autorreproduzirem como espaços de “resistência” à estrutura interdenominacional. O Metanoia Missões Urbanas, do Rio de Janeiro, é um excelente exemplo disso. Essa comunidade, que tem um potente projeto “político” de lugar – para atrair pessoas da cena *metal* –, mostra, através de uma estética “customizada”; e da realização de shows características da cena secular; que existe entre eles uma essência identitária desapegada dos valores, símbolos e práticas religiosas dominantes (católicos e evangélicos, principalmente), conduzindo tanto os “seculares” quanto os “crentes” a admirar ou rechaçar a produção simbólico-cultural daquele espaço.

⁵ BAGGIO, 2005. p. 49.

⁶ Ibid., p. 50.

⁷ Cardoso, 2009, p. 1.

Em um trabalho anterior, aponto as características que fazem do espaço do Metanoia um lugar *sui generis*:

As percepções, crenças, valores, símbolos e atividades dos grupos jovens urbanos são criados e articulados, interna ou externamente, no plano material e isso se dá através do discurso identitário, inscrição territorial e “gestão” dos significados próprios àquele(s) grupo(s). Com o Metanoia, isso fica muito evidente, onde ele muda e adaptam os signos, relacionamentos e representações ao longo do processo no qual estão se constituindo. (CARDOSO, 2009. p. 13).



Figura 1: Pastor convidado para pregar num culto de domingo no Metanoia.
Fonte: arquivo pessoal.



Figura 2: Show no Ajuntamento das Tribos 2008 (Comunidade S8).
Fonte: arquivo pessoal.



São, portanto, grupos que possuem normas e regras particulares, um gosto estético-artístico peculiar e uma cosmologia estruturante que fomentam uma série de práticas religiosas e articulam uma rede de sociabilidade que desestrutura os pilares do campo religioso cristão, injetando novos ânimos e confrontos na religiosidade cristã e um novo complexo de territorialidades urbanas no âmago da sociedade urbana complexa.

O espaço religioso-cultural e musical construído pelos atores *undergrounds* traz no bojo da discussão a questão da informacionalização do espaço; da territorialidade flexível e fugaz das tribos; e a música e o sagrado como elementos centrais da produção do espaço.

A música agrega elementos instrumentais e emocionais (pulsativos) no plano do prático-sensível, numa indissociabilidade que se traduz em atos, movimentos, desejos, interações e relações que não se apoiam somente na racionalidade, ainda que ela esteja presente na execução dos instrumentos, na aparelhagem sonora, nos projetos evangelísticos e na própria estrutura que alicerça os eventos musicais.

O sagrado, por sua vez, é reconhecido como um elemento de produção do espaço quando se refere “à alquimia que a sociedade tem de realizar para conservar os sentimentos coletivos, em intervalos regulares, reforçando a sua unidade e identidade”¹.

Rosendahl ratifica o sagrado como um atributo essencial das sociedades e a necessidade de uma abordagem abrangente da(s) religião(ões), fato esse anotado pela autora em outro texto:

[...] o sagrado está destinado a sobreviver nas sociedades futuras. Estamos assim diante de diferentes empreendimentos religiosos no espaço [...] A vida religiosa exige um lugar sagrado. O ato ritual da sacralização do espaço é uma investidura necessária à religião civil. Enfim, o espaço é indispensável à existência da vida sacral coletiva. [...] A natureza religiosa se manifesta ora na experiência do desencanto do sagrado, ora na vivência do seu despertar. Em ambas o sagrado envolve re-arranjos espaciais que favorecem futuros estudos pelos geógrafos.²

Voltando ao tema em estudo, no Brasil, um dos ilustres personagens que fora diretamente influenciado pelas ideias do já citado pastor Bob Beeman (Sanctuary Church) foi o missionário Fábio³, que, no ano de 1992, por decisão coletiva, fundou o ministério Santuário em Belo Horizonte, Minas Gerais, numa relação clara e direta com a referida igreja dos EUA.

Mas antes de Fábio, o movimento “brazuca” teve início com os “roqueiros de Cristo”, com a banda Rebanhão, do Rio de Janeiro, em 1981, sendo o precursor. De forma similar, o rock/heavy metal cristão em São Paulo começou na década de setenta.

Sobre isto, Costa escreve:

Isto começou a ocorrer com Cássio Colombo, chamado de tio Cássio, que fundou a igreja Cristo Salva onde pregava para hippies e drogados, entre outros. É provável que este pastor teria sido um dos primeiros, pelo menos no Brasil, a combinar rock e fé. Esta igreja também foi freqüentada por evangélicos como Caio Fábio Alex Dias Ribeiro (um dos fundadores dos Atletas de Cristo) e o casal Estevão e Sonia Hernandez, fundadores da igreja Renascer em Cristo, no ano de 1986.⁴

Convém acrescentar aos nomes dados por Costa o de Luciano Manga, cofundador da banda Oficina G-3 (deixou as atividades da banda) e hoje pastor da Igreja Vineyard do Recreio, localizado na Zona Oeste abastada do Rio de Janeiro. Com seu estilo carismático e influente, Manga profere palestras/pregações por todo Brasil, inclusive no Tribal Generation. Seu estilo de vida, hoje, é mais usual e compatível com a classe média e alta burguesa que frequenta os cultos e reuniões proferidos por ele, sendo criticado por várias

¹ Rosendahl (2001. p. 35-6).

² *Ibid.* (p. 34).

³ Falecido em 2007, vítima de parada cardíaca. De acordo com Silva (2007, p. 17), ele estava em Cuba, ministrando no *Seminário Los Pinos Nuevos*, reunião voltada para líderes cristãos dedicados à evangelização de subculturas jovens.

⁴ Costa (2004a. p. 52-53).

pessoas do movimento devido a sua conduta que ficou, digamos, elitista. No dizer dos detratores, Manga poderia ter um engajamento maior na cena alternativa e *underground*, que está em plena efervescência, visto o seu potencial comunicativo e trajetória de vida que tem boa repercussão midiática e mercadológica.

Mas voltemos ao pastor-missionário Fábio, que já era uma figura ilustre antes mesmo da fundação do Santuário, hoje chamado Caverna de Adulão. Já no I Congresso Nacional Headbanger Cristão – realizado em setembro de 1990, em São Paulo, por Cláudio Tiberius, líder e fundador do CMF –, Fábio já era referência espiritual e moral para a nova galera cristã⁵, ordenando diversas pessoas a pastor e ajudando os grupos a se erguerem.



Figura 3 - Fábio de Carvalho

Fonte: <http://www.tribalgeneration.org/colombia/fotos/31441192800812.jpg>

Delcemir Jesus e Paulo Roberto (Metanoia-RJ), Paulo César (Milícia-ES) e Bill (Grito de Alerta, Ipatinga-MG), foram alguns dos líderes importantes desta cena que tiveram a “benção” de Fábio para liderarem seus grupos, além de ter ajudado tantos outros na edificação de seus ministérios, como o Enok Galvão (primeiro pastor-líder do Metanoia-RJ), o Gustavo (Igreja Sal da Terra, pastor do Manifesto Missões Urbanas, de Uberlândia-MG, e vocalista da banda Skymetal¹), o Alberto (Comunidade ZOE-TO), o Sandro Baggio (Refúgio do Rock-SP, agora, Projeto 242) etc.

Cláudio Tiberius, que foi tão importante para a consolidação do *underground* cristão e evangélico como o Fábio, o Cássio Colombo, o Luciano Manga, o Enok Galvão, entre outros, teve sua trajetória relatada por Costa². O tribalismo cristão urbano é tomado como algo justo e legítimo, sendo, de acordo com eles, da vontade do Pai essa profusão de identidades na Igreja e no mundo, mostrando a multiforme Graça de Deus. O ajuntamento em pequenos grupos e em reuniões esporádicas, dependendo da dinâmica da região e lugar em que existem e evangelizam, contrasta exponencialmente com o ritmo religioso ditado pelas organizações eclesiais convencionais.

Não obstante a “luta” dos cristãos *undergrounds* contra o cristianismo reacionário (evangélicos, católicos e outras correntes conservadoras), sua missão primaz é levar a Palavra de Deus a todas as tribos urbanas. Sua luta, encabeçada por cristãos da cena *metal*, consiste na *ressacralização* de símbolos e valores sagrados que foram ontologicamente dessacralizados pelas culturas juvenis seculares, sobretudo pelos grupos góticos, *darks*, *black metals* e outros extremos da cena *underground* do heavy metal.

Lopes, antropólogo que pesquisou o mundo heavy metal no Rio de Janeiro, menciona que:

[...] a temática religiosa e o questionamento ou a contestação, via arte, de inúmeros valores e símbolos sagrados – incorporadores de *ethos* e visão de mundo de religiões de vulto na

¹ A banda encerrou suas atividades em 2008.

² Costa, 2004a. p. 53-55.

⁵ Silva (2007, p. 8).

sociedade brasileira (como o catolicismo, o neopentecostalismo, o espiritismo e a umbanda) –, através da conversão de símbolos religiosos, principalmente aqueles representando o domínio ontológico do “mal” para essas tradições, em convenções artísticas dessacralizadas e positivadas [...] Boa parte das letras e da estética do heavy metal é um esforço de crítica e de alteração dos códigos da chamada “conduta bíblica”, transformando seus valores referentes a “outro mundo” em signos de linguagem artística mundana.³

O Tribal Generation, o Ajuntamento das Tribos na Comunidade S8 (São Gonçalo, Rio de Janeiro), o Congresso Nacional *Underground* Cristão (CNUC), entre outros, são algumas das tentativas do *underground* cristão para criar e reafirmar o sentimento de unidade entre os grupos da cena contracultural cristã, procurando enfatizar que todos, apesar das divergências ideológicas e culturais entre estes, militam por uma mesma causa, a causa de Cristo, portanto, não pode haver desagregação e sectarismo entre os grupos, não se repetindo os mesmos erros dos do cristianismo europeu e estadunidense.

Costa aponta a ideologia tribalista como o “centro” de tudo que move esses grupos de estilo, dando atenção especial ao modo como isto afetou os membros da Comunidade Zadoque, do pastor Batista, por exemplo:

Aos jovens que passaram freqüentar a Zadoque e outras neopentecostais, o termo utilizado pela igreja e seus pastores é tribos urbanas. [...] tribos urbanas, de uso corrente na mídia, acentua ideologicamente o aspecto estético, grupal e o fato de seus membros identificarem entre si e se diferenciarem das demais tribos, seja por meio da adoção de determinado tipo de música, estilo de vida, corte de cabelo, tatuagens, esportes, ideário comum, entre outras possibilidades. [...] A Zadoque logo colocou em prática um eficiente plano de divulgação em jornais, revistas, televisão e fez questão de divulgar que as diversas tribos de jovens, como os dos carecas, *heavys*, *rappers*, *punks*, entre outros, membros da comunidade, não seriam violentos, não usariam drogas e viveriam em paz. Passaram a usar isso como forma de *marketing* religioso e, assim, atrair outros adeptos.⁴

O Tribal Generation, sediado na Igreja Sal da Terra, no município de Uberlândia, Minas Gerais, é uma organização paraeclesial com foco na implantação de igrejas na América Latina que visem ao público jovem, destacando, incentivando e valorizando as diferentes culturas juvenis urbanas.

O rock *underground*, e os diversos subgêneros do heavy metal, tornaram-se símbolos apropriados e manipulados pela entidade supracitada. Essa escolha, ao que parece, deu-se porque o rock e o *underground*, conjuntamente, são fontes viáveis para a criação/reabilitação de uma identidade cristã “alternativa” capaz de lidar com as necessidades afetivas e de lazer da juventude contemporânea, além de apresentar uma boa representação simbólica e estética para impactar o meio secular e o evangelicalismo, oferecendo outra forma de relacionamento com o Pai e com a Igreja.

Não obstante, merece destaque o fato de que o rock *underground* teve (e ainda tem) papel crucial na renovação identitária, espiritual e missionária da juventude cristã em nível nacional e internacional, vide a igreja Santuário (*Sanctuary*), do já referido pastor Bob Beeman, que até hoje se utiliza do gênero heavy metal para divulgação do Evangelho e influenciando tantos outros grupos e indivíduos.

O pastor Olgávaro, líder do Tribal Generation e também pastor da igreja Sal da Terra (igreja-sede da referida organização), é um dos personagens que vem se engajando na discussão e formulação dum pensamento sólido para o contexto cristão tribalista na América Latina, lançando até recentemente um livro (*Revolução do pensamento*, publicado pela SalEditora, de Uberlândia), no qual procura esclarecer o processo de globalização e sua influência na mudança do escopo proselitista, engendrando uma nova visão estratégica para a conversão da juventude avessa ao proselitismo evangélico.

Para galgar todos esses objetivos, além do Encontro Global (realizado em Uberlândia), dos encontros regionais e da participação em outros eventos do mesmo naipe, o Tribal Generation sustenta a *Escola de Plantadores*

³ Lopes (*apud* Cardoso, 2009, p. 13).

⁴ Costa (2004b, p. 249-50).

de Igrejas, escola de missões com um modelo holístico que prevê a formação continuada de missionários e líderes de grupos por meio de aulas expositivas e semipresenciais, dando atenção especial ao ritmo de vida globalizado e intenso vivido na metrópole.

Almeja, assim, criar e difundir um novo modelo cultural e religioso de Igreja, agora centrado não mais na Instituição religiosa, mas no sujeito *pós-moderno* e no multiculturalismo presentificado nas metrópoles. Com isso, propõe-se um novo ritmo e experiência do sagrado e com o *front* secular.

Deve-se enfatizar a criação de escolas de missão alternativas⁵, além do Tribal Generation, para a preparação de novos líderes e de pessoas que querem trabalhar com bandas, ministérios de teatro, pirofagia, skate etc. dentro do ambiente cultural tribal, e o surgimento de intelectuais-ideólogos, ao lado de Olgálvaro, como o missionário Geraldo Luiz Silva (Caverna de Adulão), o pastor Sandro Baggio (Igreja Quadrangular e Projeto 242) etc., que sugerem, entre outros objetivos: a (re) politização da cena *underground* cristã que vem rapidamente se desradicalizando, questão vista também por Jungblut⁶; e a participação de todos da cena cristã (sejam *undergrounds* ou não) na reconstrução duma verdadeira Igreja-comunidade, bem no molde da comunidade cristã primitiva narrada em Atos dos Apóstolos, por exemplo, na qual todos viviam em comunhão e repartiam seus bens, um comunismo autêntico, perdido no transcorrer das eras pelo Catolicismo Romano e pelo Puritanismo europeu, para simplificar o assunto.

Deste modo, a meta missionária é a prática, por todos, de um cristianismo mais atuante e libertário, como atesta o *slogan* da Comunidade Manifesto Missões Urbanas.

Diante do exposto, urge fazer uma abordagem espacial do fenômeno, compreendendo as estratégias territoriais e “rediais” instauradas pelos grupos *undergrounds* para controlar os espaços de culto/pregação/show; divulgar a Palavra de Deus e estabelecer relações com outros grupos cristãos e seculares, utilizando, para isso, ferramentas como a internet, revistas, *zines*, CDs, contatos pessoais em determinado período de tempo (o Ajuntamento das Tribos, na Comunidade S8, por exemplo); possibilitar as múltiplas manifestações simbólico-culturais que, definitivamente, não teriam chance de aparecer dentro dos templos influentes.

Essa questão se faz para o geógrafo a partir das múltiplas trajetórias e vivências dos sujeitos produtores/transformadores de espaço, num plano em que a percepção é o “ponto de partida” para a análise integral do movimento, das (des)continuidades e do processo que transcorre nas interações cotidianas, dando o tom e ritmo daquilo que é o *modo geográfico do espaço*.

Sobre o assunto acima mencionado, Silva⁷ ressalta que “o que é geográfico está diante de nossa percepção e possui um significado dado pela particularidade e pela forma: aquilo que se apresenta como um momento de existência de uma configuração do espaço e pelo movimento diferenciado e múltiplo neste”.

O território, nesse sentido, adquire papel fundamental no desvendamento das relações de poder e das interações que permitem a criação de estilos, significados, músicas poesias, bem como o controle do acesso de determinados grupos/instituições/indivíduos e de influências que venham desestabilizar a reprodução dos grupos.

“Territorializar o espaço”, de acordo com Raffestin⁸, é criar um programa através do qual o grupo e/ou o agente sintagmáticos estabeleçam e/ou influenciem a entrada e o controle de pessoas, fenômenos, fluxos comunicacionais e formas espaciais numa determinada compartimentação de interação, que pode ter um caráter contínuo ou descontínuo, justaposto ou sobreposto, areal ou reticular, de dominação e/ou apropriação simbólica⁹ etc.

Essa visão encontra apoio em Robert Sack¹⁰, que, em sua definição clássica, aponta a territorialidade como a “tentativa, por um indivíduo ou grupo, de atingir/afetar, influenciar ou controlar pessoas, fenômenos e relacionamentos, pela delimitação e afirmação do controle sobre uma área geográfica. Esta será chamada território”.

O território, assim, é um valor, um conteúdo, um acontecimento, um processo que está sempre se redefinindo e adquirindo novos significados frente à exterioridade e a alteridade. Mais que uma busca por controle de informação ou por edificações e representações que facilitem o exercício do poder, o território é

⁵ Podemos destacar as escolas Avalanche Missões Urbanas Underground, de Vila Velha, Espírito Santo, e o Verbalizando Missões Urbanas, ministério recém-criado em São Gonçalo, Rio de Janeiro. São agências missionárias que aspiram à formação de novos líderes cristãos jovens dispostos a evangelizar e se relacionar nas culturas juvenis desviantes.

⁶ Jungblut (2007. p. 159-160).

⁷ Silva (2007. p. 7).

⁸ Raffestin (1993. p. 143).

⁹ Haesbaert (2006).

¹⁰ *apud* Haesbaert (Ibid., p. 87).



também *produtor de identidade*, dado que:

[...] controla, distingue, separa e, ao separar, de alguma forma nomeia e classifica os indivíduos e os grupos sociais. E vice-versa: todo processo de identificação social é também uma relação política, acionada como estratégia em momentos de conflito e/ou negociação.

11

Fica clara a contradição e os conflitos desenvolvidos na interioridade para e com a exterioridade, selecionando quem faz parte do projeto/programa e quem terá o acesso negado ou restrito a certos “pontos”.

Alguma conclusão...

Como pudemos ver ao longo deste texto, a rede de sociabilidade confrarial do *underground* cristão é fascinante e complexa, ainda tendo muito assunto a ser estudado. Tentou-se dar um panorama geral do fenômeno, sua vinculação com o campo religioso evangélico-neopentecostal, sua repercussão na cena cristã e secular e a análise do movimento através das trajetórias de algumas personalidades e do alvo de algumas entidades.

Concluimos que uma análise geográfica das redes de sociabilidade juvenil, contexto no qual o *underground* cristão se insere, tem nas categorias geográficas de território, paisagem e lugar a possibilidade de elencar as múltiplas trajetórias, redes materiais e imateriais, e marcadores territoriais que conferem circularidade e transubjetividade aos grupos urbanos.

As redes juvenis estão imersas na hiperinflação de identidades que traduzem novas experimentações e vivências na cidade média e grande, em uma reconstrução permanente das bases ontológicas e geográficas do ser-no-mundo.

Com o *underground* cristão, permitimo-nos mergulhar num contexto no qual religião, política, economia e cultura estão mutuamente imbricadas, cabendo ao espaço o “papel”, nada modesto, diga-se de passagem, de integrar todas essas dimensões, conferindo complexidade e dinâmica aos grupos envolvidos, num jogo permanente no qual a possibilidade de novas trajetórias, alianças, ordenações e conflitos são iminentes.

Referências

BAGGIO, Sandro. *Música cristã contemporânea*. São Paulo: Vida, 2005.

CARDOSO, Diogo da Silva. “Guerreando em nome do senhor”: sobre o *underground* cristão e evangélico no Brasil, suas territorialidades e o exemplo do grupo Metanóia (RJ). *Revista Brasileira de História das Religiões - ANPUH*. v. 1, n.3, jan. 2009. Maringá: UEM/ANPUH. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>>. Data de acesso: 12 fev. 2009.

CARLOS, A. F. A. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: Labur Edições, 2007. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dg/gesp>>. Acesso: 10 jun. 2009.

COSTA, Márcia Regina da. Os Carecas de Cristo e as Tribos Urbanas do *Underground* Evangélico. In: PAIS, José Machado, BLASS, Leila Maria da Silva. (Orgs.). *Tribos Urbanas: Produção Artística e Identidades*. São Paulo: Annablume, 2004a. p. 43-69.

¹¹ Haesbaert (2006. p. 89).

- _____. Tribos Urbanas, Comunidade Zadoque e os Carecas de Cristo. In: BERNARDO, Terezinha, TÓRTORA, Silvana. (Orgs.). *Ciências Sociais na atualidade: percursos e desafios*. São Paulo: Cortez, 2004b. p. 241-258.
- GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: EDUNESP, 1991.
- HAESBAERT, Rogério. Identidades territoriais. In: ROSENDHAL, Zeny, CORRÊA, Roberto Lobato. (Orgs.). *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999. p. 169-190. (Coleção Geografia Cultural).
- _____. Território, cultura e des-territorialização. In: ROSENDHAL, Zeny, CORRÊA, Roberto Lobato. (Orgs.). *Religião, identidade e território*. Col. Geografia Cultural. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001. p. 115-144.
- _____. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. 2 ed. rev. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- JUNGBLUT, Airton Luiz. A salvação pelo Rock: sobre a “cena *underground*” dos jovens evangélicos no Brasil. *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro: ISER, v. 2, n.27, p. 144-162, 2007.
- MARIANO, C. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.
- RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.
- ROSENDAHL, Zeny. Espaço, política e religião. In: ROSENDHAL, Zeny, CORRÊA, Roberto Lobato. (Orgs.). *Religião, identidade e território*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 9-38. (Coleção Geografia Cultural).
- SACK, Robert. The power of place and space. *Geographical Record*, American Geographical Society of New York, New York, 1993.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SILVA, Geraldo Luiz. Pastor Fábio: amado pastor dos rejeitados. *Revista Cristã*, Belo Horizonte, v. 4, p. 6-20, maio 2007.
- _____. A Igreja precisa voltar a ser protestante. *Tribal Generation Magazine*, Uberlândia, v. 2, n. 2, p. 6-7, maio 2008.